



1. O “Olhar de mil jardas” do marine Theodore J. Miller, substituído após dois dias e duas noites em que viveu o inferno na praia da Eniwetok, nas ilhas Marshall (fevereiro de 1944). Miller foi morto em combate no mês seguinte. A Segunda Guerra Mundial marcou para sempre a vida — ou provocou o fim — de dezenas de milhões de pessoas. Apresentar corretamente as origens do conflito às novas gerações é, antes de tudo, um gesto respeitoso a todos que pegaram em armas contra o totalitarismo, em suas variadas mutações.

Introdução

A PONTA DO ICEBERG

Violência, destruição e morte. A tríade que acompanha as guerras desde tempos imemoriais atingiu seu clímax durante a Segunda Guerra Mundial. A mais sanguinolenta conflagração armada da história da humanidade teve palco em seis dos sete continentes e em todos os oceanos do planeta. Matou mais de 50 milhões de seres humanos, deixando centenas de milhões de aleijados — feridos no corpo, na mente e na alma. Capitais e grandes cidades foram transformadas em ruínas, assoladas por bárbaros travestidos de soldados, que as saquearam, estupraram mulheres e meninas, e trucidaram aqueles que ousaram protestar. Mesmo nos lugares onde a guerra não chegou, seus efeitos produziram milhões de órfãos e destroçaram milhares de famílias. Compreensivelmente, a hecatombe gerou abundante produção literária, que, ao contrário da Grande Guerra, voltou-se mais para reproduzir as operações bélicas do que para buscar o entendimento das origens, das questões controversas, da virulência intrínseca e suas decorrências — e houve boas razões para isso.

O pós-guerra encarregou-se de confirmar o dolo dos líderes do Eixo. No Julgamento de Nuremberg, a quase totalidade dos indiciados defendeu-se alegando o desconhecimento dos crimes de guerra e o cumprimento de ordens. “Depois da Primeira Guerra Mundial, os alemães tentaram transferir a culpa para os Aliados, ou dar a impressão de que ninguém era culpado”, observou o historiador A. J. P. Taylor.ⁱ Conduta ainda mais simples transferiu a culpa para Hitler, que estava tranquilizadamente morto. “Sendo ele culpado, todos os outros alemães poderiam protestar inocência e, ao contrário de sua anterior posição de firme rejeição de responsabilidade de ter provocado a guerra, tornaram-se os defensores mais vigorosos dessa culpa”.ⁱⁱ A máxima de George Orwell — “A História é escrita pelos vencedores” — pode não ser aplicável de maneira genérica, todavia cai como uma luva no trabalho de Nuremberg, que usou documentos criteriosamente escolhidos tanto para provar a culpa dos réus quanto para ocultar os crimes das potências acusadoras.ⁱⁱⁱ

O fato é que os historiadores nunca puderam ouvir os testemunhos das lideranças do Eixo no Velho Mundo, bem como os dos encarregados pela condução da política externa no pós-guerra. Tudo por uma simples razão: a vingança implacável dos vitoriosos. Em menos de um ano após o término do conflito, os chefes derrotados, na quase totalidade, pereceram por suicídio, execução sumária ou pós-julgamento. Hitler e Mussolini estavam mortos em maio de 1945, e seus parceiros tiveram o mesmo fim: na Hungria, Döme Stójay, primeiro-ministro e ministro das relações exteriores, foi condenado por “crimes contra o povo” e executado em agosto de 1946; na Bulgária, o príncipe Kiril, o general Nikola Mikhov e o primeiro-ministro Bogdan Filov — que, juntos, formavam o conselho regente do país — foram julgados por um “tribunal do povo” em fevereiro de 1945, que os condenou ao pelotão de fuzilamento, na companhia de várias dezenas de políticos e assessores; na Itália, Galeazzo Ciano, ministro

do exterior, havia sido executado em 1944, deixando apenas diários pessoais; na França, o também ministro do exterior, Pierre Laval, encarou o paredão em agosto do ano seguinte.^{iv}

Nem mesmo alguns dos célebres heróis nacionais da Grande Guerra escaparam da sanha punitiva. Acusado de traição, Philippe Pétain, chefe de Estado da França, sentou-se no banco dos réus. Aos 90 anos, o militar (filho de agricultor, dono de uma carreira impecável e símbolo-vivo da vitória francesa em Verdun) recebeu o veredito de um tribunal francês em agosto de 1945: “O tribunal condena o marechal Philippe Pétain à morte, suspende seus direitos de cidadão e confisca seus bens”. Charles de Gaulle, tentando fazer o papel de magnânimo, comutou a pena de morte em prisão perpétua, sob o regime de confinamento solitário. Pétain foi encarcerado em um forte nos Pirineus e transferido três meses depois para outra fortaleza, em uma minúscula ilha na costa do Atlântico, transformada em prisão de segurança máxima. Com o avanço da senilidade, lapsos de memória cada vez mais frequentes, incontinência urinária e alucinações afligiam o “Leão de Verdun”, que sequer reconhecia a esposa nos últimos anos. A saúde do marechal deteriorou-se rapidamente durante o isolamento, sendo desenganado por uma junta de nove médicos em março de 1949. Incapacitado de se levantar da cama, os médicos avaliaram que ele teria cerca de dois meses de vida.^v Nem a idade propecta, nem a proximidade da morte constituíram motivos para comover os líderes franceses. Falecido na cadeia, em julho de 1951, seu cadáver não teve como destino uma tumba suntuosa no Palácio dos Inválidos ou uma sepultura modesta no cemitério militar de Verdun, ou mesmo um jazigo familiar, mas uma cova ordinária na ilha-presídio, ao lado de outros apenados.

O último sobrevivente lúcido do grupo de lideranças do primeiro escalão do Eixo foi Joachim von Ribbentrop. O ex-ministro do exterior alemão escreveu uma defesa fragmentária enquanto aguardava sua vez de

encontrar o carrasco, o que aconteceu em 16 de outubro de 1946. Com poucas exceções, os membros capturados da alta cúpula nazista encontraram o seu fim nesse mesmo dia, na ponta de uma corda. Os demais condenados permaneceram encarcerados na prisão de Spandau, quase incomunicáveis em suas longas penas. O quadro repetiu-se no que diz respeito aos japoneses. O ex-premiê Hideki Tojo suicidou-se, bem como vários líderes civis e militares; outros tantos haviam sido executados por decisão do Tribunal Militar Internacional para o Extremo Oriente. Já a permanência de Hirohito no trono real constituiu exceção à regra, graças a razões políticas — sempre elas.

Em meados dos anos 1970, a narrativa do último conflito mundial parecia estar definitivamente escrita, pois se encontravam publicadas as memórias e biografias de alguns dos mais destacados personagens civis e chefes militares do lado Aliado e dos poucos remanescentes do Eixo. Esse material serviu de base para a elaboração de trabalhos monumentais pelas mãos de historiógrafos consagrados, que construíram um relato caracterizado pela assepsia política na condução da guerra e pelo enaltecimento dos líderes vitoriosos. Churchill, Roosevelt e Stalin receberam o carimbo de salvadores da humanidade em relação ao Mal encarnado no nazifascismo e no imperialismo japonês. Assim moldou-se a face visível da guerra.

A descrição das origens da guerra passou incólume nas décadas seguintes, e sua narrativa tornou-se progressivamente condensada até chegar a uma abordagem simplista, que lançou sobre Adolf Hitler toda a carga demeritória. Como exemplo, ganhou fama no Brasil, no início dos anos 1970, a série de reportagens intitulada *Assim começou uma guerra*, atribuindo ao líder alemão a ordem “pessoal e direta” para os ataques navais que provocaram a entrada brasileira no conflito. Entretanto, diferentemente do que se publicou, Hitler não emitiu qualquer ordem a

esse respeito, tendo, inclusive, sustado uma devastadora ofensiva submarina desencadeada pela Marinha alemã contra nosso País meses antes: a “Operação Brasil”.^{vi} Ao contrário do título da série, a guerra *não* começou desse modo para o Brasil.

Da mesma forma, muito do que é dito a respeito da guerra não corresponde à realidade, mesmo em algumas das mais respeitadas obras do tema. O renomado historiador alemão Jak P. Mallmann Showell chegou ao núcleo dessa temática controversa ao afirmar que, imediatamente após o término do conflito,

[...] as versões Aliadas dos eventos deveriam ser aceitas como a única “verdadeira” história da guerra. Isso fez com que muito do que foi escrito sobre a Segunda Guerra Mundial tivesse base em poderosas desinformações, brilhantemente geradas pelos sistemas de propaganda Aliada, ao invés do que aconteceu no conflito. Essa propaganda tem sido embelezada, desde então, pela imaginação de historiadores, e adicionalmente enfeitada com pesadas doses de observações pós-fato, a fim de produzir múltiplos *insights* enganosos. Ao mesmo tempo, eventos não tão palatáveis aos Aliados foram suprimidos a ponto de alguns agora estarem quase esquecidos.^{vii}

Diante das evidências, cabem perguntas desafiadoras: as origens da Segunda Guerra Mundial são hoje apontadas corretamente? Até que ponto a biografia dos líderes Aliados e do Eixo lhes faz jus? Como a manipulação da informação afetou a historiografia do conflito?

A partir dos anos 1950, seleto grupo de autores buscou construir um relato conciso e exato das origens da Segunda Guerra Mundial, produzindo textos densos e provocativos como o *The Origins of Totalitarianism* (As Origens do Totalitarismo), de Hannah Arendt (1951); *The Origin of the Second World War* (A Origem da Segunda Guerra Mundial), de A. J. P. Taylor (1961); *Der Zweite Weltkrieg* (A Segunda Guerra Mundial), de Hellmuth Günther Dahms (1964); *A History of Modern World* (A História do Mundo Moderno), de Paul Johnson (1983); *Der Europäische Bürgerkrieg 1917-1945* (A Guerra Civil Europeia), de Ernst Nolte (1987). Contudo, o sigilo governamental decretado aos documentos de extrema relevância impôs aos autores sérios obstáculos, em especial, na consulta aos arquivos dos países atrás da Cortina de Ferro. Uma das raras exceções foi o uso dos pouco conhecidos Arquivos Smolensk: cerca de 200 mil páginas de documentos capturados na URSS pelos alemães durante a ofensiva de 1941, evidências que caíram em poder dos norte-americanos ao final da guerra.^{viii}

Com o passar dos anos, esperava-se que a conflagração bélica fosse rigorosamente elucidada, com base em estudos e pesquisas, mas escolheu-se um caminho diferente. Ao final do século XX, a literatura relacionada à Segunda Guerra Mundial voltou-se, majoritariamente, para as publicações com foco no desenrolar do conflito, no microcosmo dos combates e nas agruras dos soldados e civis. Os exemplos são numerosos, com ênfase para *Citizens Soldiers*, de Stephen Ambrose (1998), e *Inferno*, de Max Hastings (2012) — neste último, o autor destacou a experiência humana iniciada com a invasão da Polônia. Tornaram-se raros os livros abrangentes, como *The Second World War*, de John Keegan (1990), e *The Origins of the Second World War*, de R. J. Overy (1998), prevalecendo, desde esse tempo, a narrativa dos combates, vista em *The Second World War*, de Martin

Gilbert (1989), que descreve os 2.174 dias da guerra a partir de 1º de setembro de 1939.

Embora altamente relevantes, os detalhes da guerra sobrepujaram o imprescindível entendimento de questões essenciais, abrindo caminho para que o simplismo historiográfico desse as cartas. Se, por um lado, essa mudança de abordagem fez-se útil para ampliar o universo de leitores, por outro, a tendência voltou-se progressivamente para um público cada vez menos afeito à reflexão. A literatura do conflito acostumou-se a produzir obras compactas para “quem tem pressa”, oferecendo respostas lacônicas e equivocadas a questões-chave. Criou-se uma falsa impressão de esgotamento do tema. Contudo, perto do 80º aniversário de início da última conflagração mundial, mesmo depois da produção de dezenas de milhares de estudos diversos, algumas vezes tem-se a nítida impressão de distanciamento da visão real do fato histórico.

No presente, existem poucos historiógrafos consagrados capazes de refutar a noção de que a guerra derivou das ambições de ganho territorial do nazifascismo e do imperialismo japonês, pois são evidentes as marcas do expansionismo alemão sobre os seus vizinhos, do italiano na Europa e África, bem como do japonês no Oriente. Entretanto, as pretensões territoriais, por si sós, não explicam a origem do conflito. Bem mais complexo e instigante do que responder às perguntas *por que teve início a guerra e quem a causou* é elucidar *como* os governantes comprometidos com esse expansionismo chegaram ao poder. Essa é a peça-chave para o entendimento da guerra e um dos objetivos deste livro.

Nem todos os estudiosos aceitaram o *status quo* da historiografia da Segunda Guerra Mundial, elaborando versões divergentes e provocativas. Todavia, a iniciativa ficou marcada por algumas publicações deploráveis que, grotescamente, negaram a existência do Holocausto e de seus campos de extermínio. Assim, o revisionismo do tema passou a ser associado ao

neonazismo, e a mais leve contestação da “história oficial” foi automaticamente ligada à apologia ao hitlerismo e ao retorno do fascismo. Por razões óbvias, poucos escritores dispuseram-se a contrariar o senso comum, ante o fantasma do ostracismo social e profissional.

Pelo Bem da Humanidade rema no sentido contrário a essa corrente tradicional do gênero. Usando linguagem franca, direta e sem subterfúgios, oferece ao leitor o conhecimento acumulado em anos de pesquisas, a partir de fontes primárias nacionais e estrangeiras, assim como da produção intelectual de autores com reconhecida competência. Mas não se limita ao lapso de tempo da Segunda Guerra Mundial, ou mesmo ao campo da História.

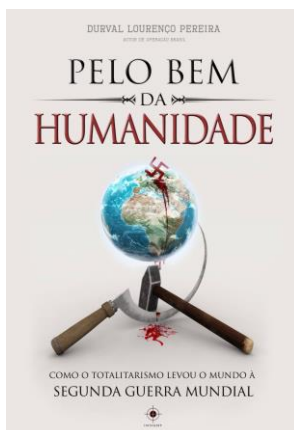
Dividiu-se a obra em duas partes: na primeira (Incubação), alicerçada na documentação original do *Komintern* arquivada em Moscou (cerca de um milhão e 700 mil cópias eletrônicas de documentos), reconstitui-se o papel da entidade na trajetória e ascensão ao poder de alguns dos principais líderes totalitários no período entreguerras. Na segunda (Ecloração e Metamorfose), mostra-se como o totalitarismo desencadeou a guerra, revelando a base conceitual desse sistema político e seus artifícios para manter-se atuante no mundo moderno.

O livro afasta as espessas camadas de desinformação depositadas sobre o conflito, revolvendo antecedentes e decorrências suprimidos ou deturpados ao longo dos anos. Acima de tudo, propõe uma reflexão acerca do vínculo entre a natureza humana e o belicismo, e quanto ao poder do Estado em cooptar o exercício da violência, manipulando o conhecimento em prol dos seus desígnios. Retoma a discussão de temas “pacificados” pelos historiadores, com apoio na consulta a documentos recentemente disponibilizados ao público: a “ponta do iceberg” de uma montanha de conhecimento ainda submersa e capaz de provocar revisões substanciais na história oficial da guerra — o que não seria novidade.

Em 1974, a imprensa divulgou a notícia bombástica de que os britânicos haviam quebrado os códigos secretos germânicos e decodificado boa parte do tráfego de sinais entre os *U-boats* e o QG da Marinha alemã na França, durante os três últimos anos do conflito. Ao ser informado da novidade, o almirante Karl Dönitz, ex-Comandante da Força de Submarinos alemã, demonstrou grande surpresa. Ato contínuo, o experiente militar verbalizou a previsão certa das consequências dessa revelação para a historiografia:

Então foi o que aconteceu! [...] Bem, agora os historiadores terão de começar do princípio outra vez!^{ix}

Adquira já o seu exemplar de *Pelo Bem da Humanidade* na [Amazon](#)
Ou em nosso website: www.pbhumanidade.com



ⁱ A. J. P. Taylor, *A Segunda Guerra Mundial*, Rio de Janeiro, Zahar, 1963, p. 12.

ⁱⁱ Id.

ⁱⁱⁱ George Orwell, *As I Please*, Tribune, 4 fev. 1944.

^{iv} Na verdade, o veredito que condenou as autoridades húngaras foi ditado por Georgi Dimitrov, em Moscou. Conforme Wojciech Roszkowski e Jan Kofman, *Biographical: Dictionary of Central and Eastern Europe in the Twentieth Century*, London and New York, Routledge, 2015, p. 463.

^v Jornal O Combate, Rio de Janeiro, 19 mar. 1929.

^{vi} Durval Lourenço Pereira, *Operação Brasil: o ataque alemão que mudou o curso da Segunda Guerra Mundial*, São Paulo, Contexto, 2015.

^{vii} Conforme Karl Dönitz, *Memoirs: ten years and twenty days*, London, Frontline Books, 2012, preface, p. xi.

^{viii} O Arquivo Smolensk pode ser consultado no Davis Center, da Universidade de Harvard. Disponível em: <<https://daviscenter.fas.harvard.edu/library/research-guides/archival-sources-soviet-history/smolensk-oblast-party-archive-1917-1938>>. Acesso em: 2 fev. 2018.

^{ix} Karl Dönitz, op. cit., introduction, p. xv.